

## Ideias Titubeantes em Tempo de Confinamento

**Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira<sup>1</sup>**

*A tua presença  
Entra pelos sete buracos da minha cabeça  
A tua presença  
Pelos olhos, boca, narinas e orelhas  
A tua presença  
Paralisa meu momento em que tudo começa  
A tua presença  
Desintegra e atualiza a minha presença  
A tua presença  
Envolve meu tronco, meus braços e minhas pernas  
A tua presença  
É branca, verde, vermelha, azul e amarela  
A tua presença  
É negra, negra, negra, negra, negra, negra, negra, negra, negra  
A tua presença  
Transborda pelas portas e pelas janelas  
A tua presença  
Silencia os automóveis e as motocicletas  
A tua presença  
Se espalha no campo derrubando as cercas  
A tua presença  
É tudo o que se come, tudo o que se reza  
A tua presença  
Coagula o jorro da noite sangrenta  
A tua presença...*

*“A tua presença” – Caetano Veloso, 1975.*

Trafego entre muitos estados ao longo de um mesmo dia, do mergulho no trabalho – cuja intensidade traz estranhamento, como se houvesse a tentativa de manutenção de uma normalidade em tudo inexistente, indesejável – ao pensamento flutuante, disperso, que impede qualquer ancoragem na vida cotidiana, passando por desejo extremo de introspecção,

---

<sup>1</sup> Diretora do Centro Universitário Maria Antonia (Ceuma) da USP, professora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e membro do Grupo de Estudos Humanidades Computacionais do IEA-USP.

de dobra interna que permita lidar e compreender o contexto insólito em que o mundo está mergulhado, em que cada um de nós está mergulhado, e o resgate de uma dimensão mais poética da vida, voltando a olhar o céu estrelado de São Paulo desde o centro da cidade nesse início de outono, visão impossível há poucos dias.

Se muitos teóricos já haviam declarado que chegáramos ao final de um certo arco histórico (Latour, 2016), um momento de aceleração da história prefigurando um mundo novo, plenamente globalizado, que iria romper com o antigo (Nobre, 2018), uma revolução cultural cuja sensação de estarmos todos no mesmo barco, ainda que desigualmente situados, na perspectiva prenunciada de maneira heurística no final da década de 1990 (Ianni, 1997), o sentimento coletivo de estarmos lançados no vazio sem saber muito bem como construir paraquedas ou criar asas coloca-nos em face de uma mudança cultural significativa de difícil delineamento. Múltiplos fios podem ser puxados desse novelo emaranhado; escolhi um deles: pensar, de maneira titubeante, sobre a questão dos corpos, dos nossos corpos viventes, frente ao novo contexto e os efeitos no pós-confinamento. Ideias iniciais e esparsas.

Logo no início da quarentena li um livro curto que havia comprado há algum tempo e que permanecera na estante: *A agonia do Eros*, do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, escrito originalmente em 2012. Han é peremptório: vivemos o inferno do igual, cujo efeito é igualar cada vez mais a sociedade atual, solapando a possibilidade da experiência erótica que pressupõe a assimetria e a exterioridade do outro, a experiência da atopia do outro. A temporalidade do igual é avessa ao devir, ao evento como abertura ao surpreendente, à transformação, à transgressão, à destilação do desejo. Segundo Han, a essência do evento é a negatividade da ruptura que permite algo totalmente diferente. A relação com o futuro é a relação com o outro atópico, que não pode ser enquadrada na linguagem do igual. “Umbrais e passagens são zonas prenes do mistério e do enigmático, onde começa o outro atópico. Junto com os limites e umbrais desaparecem também as fantasias sobre o outro. Sem a negatividade dos umbrais, sem a experiência do umbral, a fantasia fenece”. O Eros arranca o sujeito de si e o direciona para o outro, possibilita uma experiência do outro em sua alteridade. Dizer sim à vida até a morte, citando Bataille, é característica do erotismo, avesso ao narcisismo da cultura contemporânea, destituída de transcendência e de transgressão.

Han delinea uma compreensão do contemporâneo pré-pandemia viral que prefigurava a erosão do outro, da cupidez e do desejar, da alteridade atópica em prol de diferenças heterópicas.

Seguindo com o mesmo autor e já no olho do furacão, Han publicou um artigo no jornal El País no último 22 de março intitulado “La emergencia viral y el mundo de mañana”. Suas indagações nascem do maior controle da pandemia nos países asiáticos em relação aos europeus, segundo ele por algumas características da Ásia: mentalidade autoritária que vem de uma longa tradição cultural (confucionismo), o que faz com que as pessoas sejam mais obedientes do que na Europa; maior crença no Estado; vida cotidiana mais organizada em países como China, Coreia e Japão; coletivismo mais do que individualismo; vigilância digital fartamente presente. Segundo Han, na Ásia os informáticos e os especialistas em macrodados combatem a pandemia tanto quanto os epidemiologistas e os virologistas. “Los apologetas de la vigilancia digital proclamarían que el big data salva vidas humanas”. Há pouca consciência crítica com relação à vigilância digital nessa região, diz ele, e na China não há momento da vida social que não seja sob vigilância e sob avaliação, que se tornou um sistema de créditos dos cidadãos em sua conduta social. Há 200 milhões de câmeras de segurança espalhadas pelo território chinês, muitas das quais providas de uma tecnologia fina de reconhecimento facial. Essas câmeras, dotadas de inteligência artificial, mapeiam em tempo integral o comportamento dos cidadãos em suas mais diversas atividades no espaço social. Pois, tal aparato foi extremamente eficiente no controle da pandemia viral. Quando alguém sai da estação de trem em Pequim é captado por uma câmera que mede sua temperatura corporal e imediatamente informa aos demais passageiros do vagão, através dos telefones celulares, se há alguma anormalidade. Drones vigiam a quarentena. Biopolítica digital que acompanha a psicopolítica digital, destaca Han.

A perspectiva exposta por Han contrapõe liberdade à segurança. A China poderá vender seu Estado policial digital como um modelo de êxito contra a pandemia. O medo, a insegurança e a comoção que atinge cada cidadão em sua pequena esfera é momento propício para a instauração de um maior controle sobre os corpos, a adoção de um estado de exceção em perspectiva permanente, a entrega sem receio da liberdade em favor da segurança, um regime policial digital que traz um momentâneo conforto em tempos em que a queda no vazio é tão desconcertante. Ufa! Suspiramos.

A distância entre os corpos exigida pelos rituais de não contaminação quando da inevitabilidade de estar na rua ou em espaços fechados, o confinamento, para aqueles que têm onde se abrigar (os corpos que se situam na rua são considerados corpos de segunda categoria, indesejados, misto de invisibilidade e visibilidade extrema, já que oferecem permanente risco aos de primeira categoria), a virtualidade crescente que vai trazendo conforto e produtividade,

reiteram a perspectiva foucaultiana de que não há política sem corpos, não há política que não fabrique corpos, que não os gestione. Aos dispositivos expressos por Foucault – as instituições disciplinares –, que gerem a vida, se somam as tecnologias digitais, a inteligência artificial, dando contornos de uma nova subjetividade. Segundo Paul B. Preciado, as técnicas de biovigilância se introduzem dentro do corpo, atravessam a pele, nos penetram; os dispositivos de biocontrole já não funcionam através da repressão da sexualidade, mas através da incitação ao consumo e à produção constante de um prazer regulado e quantificável. Quanto mais consumimos e mais somos, melhor somos controlados.

A ameaça permanente que virá em decorrência da experiência coletiva que estamos vivendo trará alívio aos corpos viventes se distanciados, se não portadores dos fluidos corporais transmissores da pandemia viral de agora e a que será uma permanente ameaça por vir. Todos somos intocáveis e intocados. Todos devemos nos garantir no resguardo do lar. Do confinamento compulsório passaremos ao voluntário. Tudo o que precisamos hoje para consumir e gerir a vida está a um clique. Estamos vigiados e sem privacidade. Ufa! Tudo está sob controle. A limpeza extrema é o que garantirá a nossa sobrevivência, sem desejo e sem prazer. Nossa vulnerabilidade e fragilidade será vencida apenas se meu corpo não tocar outros corpos, não for ameaçado por eles, não estiver propenso ao perigo que a exposição aos outros pode ocasionar. O outro, como experiência atópica, erótica, não cabe num mundo a proteger de ameaças invisíveis, sempre a espreitar. A temporalidade do igual é avessa ao devir, ao evento como abertura ao surpreendente, à transformação, à transgressão, à destilação do desejo. Corpos sob controle. E termino com uma advertência de Agamben, sempre instigante: “só se for possível delinear os contornos de uma forma-de-vida e de um uso comum dos corpos, a política poderá sair de seu mutismo, e a biografia individual, de sua idiotice”.

*3 de abril de 2020.*

## **REFERÊNCIAS**

- AGAMBEN, G. **O uso dos corpos**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- HAN, B.C. **A agonia do EROS**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, B.C. **El País**, 22 de março de 2020.
- PRECIADO, P.B. ‘Aprendiendo del vírus’. **El País**, 28 de março de 2020.